O Estado de S.Paulo, 20 de novembro de 2026

Encalacrado

Rogério L. Furquim Werneck*

Um populista em apuros. Ao final de um surto demagógico de quase quatro anos, em que se comprometeu, como se não houvesse amanhã, com toda sorte de políticas inconsequentes e promessas irresponsáveis, o presidente Lula começa a entrever as reais proporções da enrascada em que se meteu.

Já se deu conta de que, desta vez, sim, terá de arcar com uma colossal herança maldita: a que o Lula 3 deixará ao Lula 4. O problema é que, comprometido até o pescoço com o populismo, o presidente se vê, agora, com as mãos atadas para tomar as medidas que o agravamento do quadro econômico passou a exigir. Descarta qualquer decisão que possa abrir flanco para que seja acusado de estelionato eleitoral.

Salta aos olhos, contudo, que, sem que sejam desmontados os despropósitos populistas mais ruinosos da gestão das contas públicas do Lula 3, não haverá como viabilizar as mudanças requeridas no regime fiscal. Caso o governo a eles se agarre, não haverá como impedir o agravamento da crise.

Ao seu tempo, o presidente acabará entendendo que não terá como se livrar de ser acusado de estelionato eleitoral. O que lhe resta é não mais que escolher que tipo de estelionato eleitoral prefere perpetrar.

O primeiro tipo, claro, adviria da sua disposição de dar o dito por não dito e tomar as medidas de ajuste fiscal que possam sustar o avanço da crise, tornar crível a contenção do endividamento público, abrir espaço para uma sólida redução de taxas de juros e destravar o crescimento da economia.

Já o segundo decorreria do simples agravamento do quadro econômico ao longo de seu quarto mandato, engendrado por sua incapacidade de viabilizar a mudança requerida do regime fiscal.

O que se teme é que, hesitante e comprometido de forma irreversível com o populismo, o presidente faça muito pouco do que precisa ser feito, ou muito tarde, e acabe arrastado para o segundo tipo de estelionato eleitoral.

Ocioso assinalar o desastre que isso traria ao País. Por ora, mais vale, enquanto é tempo, ressaltar a tragédia que tal cenário representaria para o Partido dos Trabalhadores. É hora de petistas mais lúcidos, externarem visão mais consequente da escolha com que agora se depara Lula da Silva. E fazerem ver ao presidente que, no cálculo político que faz sentido, a relação custo-benefício de uma nova metamorfose, bem mais sutil que a de 2002-2003, é incomparavelmente mais compensadora do que a de persistir aferrado ao populismo do Lula 3.

Sem chance? Talvez. Mas é o fio de esperança que ainda resta ao País.

---

* Rogério L. Furquim Werneck, economista, doutor pela Universidade Harvard, é professor titular do Departamento de Economia da PUC-Rio.